



## ARTIGOS / ARTICLES

---

### VATICANO II E O NOVO OLHAR SOBRE O LIVRO ANTIGO

*The second Vatican Council and new perspectives upon the old book*

Johan Konings \*

**RESUMO:** Mostramos neste artigo que em torno do Concílio Vaticano II surgiu uma “nova visão sobre o livro antigo”, um novo modo de ler e de estudar a Bíblia. Este novo modo se caracteriza principalmente pelo pleno reconhecimento dos métodos histórico-literário-críticos da parte da Igreja católica e pela leitura dos textos bíblicos em correlação com o contexto de origem e com o contexto atual, favorecendo a leitura da Bíblia com o povo. Apontamos a presença germinal dessa nova visão antes do Concílio, o seu amadurecimento durante o Concílio – sobretudo pelo confronto com o contexto sócio-histórico, provocado pelos trabalhos em torno da *Gaudium et Spes* – e seu fruto depois do Concílio, inclusive na leitura bíblica latino-americana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Concílio Vaticano II, Bíblia, Método, Teologia, Leitura.

**ABSTRACT:** We show in this article how around the Second Vatican Council emerged a “new vision upon the old book”, a new way of reading and interpreting the Bible. This new way is characterized especially by the plain acknowledge of the historical-critical and literary methods by the Catholic Church and by the reading of the biblical texts in correlation with the context of their origin and the context of today, which favors the reading of Bible in Christian people community. We appoint a germinal presence of this new vision before the Council, its maturation during the Council – especially because of the confrontation with the socio-historical context that was brought about by the preparation of *Gaudium et Spes* – and his effect after the Council, particularly in the Latin-American Bible reading.

**KEYWORDS:** Council Vatican II, Bible, Method, Theology, Reading.

---

\* Professor de Sagrada Escritura no Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte. Artigo submetido a avaliação em 31.08.2015 e aprovado para publicação em 08.09.2015.

O título deste artigo se inspira num livro escrito pelo exegeta holandês Lucas Grollenberg logo depois do Concílio Vaticano II (doravante CV II) (cf. GROLLENBERG, 1968)<sup>1</sup>. *Com o Vaticano II a leitura bíblica mudou*. Quem conheceu o tempo antes do Concílio não pode negar as mudanças. Fica de se verificar se o CV II foi a causa ou apenas a circunstância da mudança (de acordo com a *logica minor*: “cum hoc non est propter hoc”). Creio que foi uma e outra coisa. O Vaticano II abriu espaço para uma mudança que estava a caminho, mas também participou ativamente no processo dessa mudança.

A mudança que aconteceu pôde ser percebida logo depois do Concílio no trabalho dos teólogos e na prática de muitas comunidades eclesiais. Entre os teólogos, citamos como exemplo Edward Schillebeeckx, antes do Concílio erudito neotomista “inquietado” pela filosofia da linguagem, mas depois, autor de capítulos teológico-bíblicos sobre Jesus Cristo e a Igreja (cf. SCHILLEBEECKX, 1981; 1982), demonstrando surpreendente conhecimento da matéria<sup>2</sup>. Quanto à prática da leitura bíblica nas comunidades eclesiais, o exemplo mais próximo de nós é o surgimento, logo depois do Concílio, da leitura da Bíblia com o povo, no âmbito das comunidades de base, do CEBI e de outros ambientes, bem como a leitura e reflexão no ritmo da renovada liturgia dominical (cf. KONINGS, 2012). Esta nova situação exigiu mudanças no modo de ensino da Teologia e na formação do clero e dos religiosos, alicerçados, aliás, nos próprios textos conciliares, especialmente no decreto *Optatam totius*. Quem trabalhava em algum instituto de Teologia certamente se lembrará dos esforços para introduzir a exegese histórico-crítica e a leitura sócio-contextual, nem sempre aceitas por colegas e alunos e também nem sempre em consonância mútua<sup>3</sup>!

A Bíblia recebeu um lugar de destaque na Teologia, não apenas como objeto de estudo histórico ou fonte de *dicta probantia*, mas como lugar de encontro com a vivência originária de nossa tradição, com a qual dialogamos mediante a hermenêutica bíblica, a ineludível interpretação.

---

<sup>1</sup> Tradução portuguesa: *A nova imagem da Bíblia*: ensaio sobre exegese moderna. São Paulo: Herder, 1970. A nova imagem da Bíblia já estava presente no “Catecismo holandês”, lançado pelo episcopado holandês em 1966 (*De Nieuwe Katechismus: geloofsverkundiging voor volwassenen*, Roermond-Maaseik, 1966; port. *O novo catecismo: a fé para adultos*. São Paulo: Herder, 1969).

<sup>2</sup> Com a consequência de que muitos teólogos progressistas buscaram sua cristologia bíblica em Schillebeeckx, sem maior pesquisa estritamente exegética.

<sup>3</sup> Assim, lamentavelmente, separaram-se, no Brasil, por um lado a Liga de Estudos Bíblicos, que fez excelente trabalho histórico-literário (por exemplo, na tradução até hoje publicada sob o nome de *Bíblia Mensagem de Deus* pela Ed. Loyola) e por outro lado o ambiente da leitura libertadora, cuja publicação mais emblemática talvez seja a *Edição Pastoral da Bíblia*.

## 1 Antes

Para perceber a mudança que o CV II trouxe basta lembrar como antes do Concílio a teologia católica, de modo geral, lidava com a Bíblia.

### 1.1 A Bíblia na berlinda

Até o fim da Idade Média, a Bíblia era lida como a narrativa “realista” da criação do cosmo e da história da humanidade, do povo de Israel, de Jesus e sua Igreja, e mesmo do fim dos tempos, sem questionamento crítico, mas com uso generoso da alegoria, para explicar, ou melhor, “aplicar” (*accomodare*) até as coisas paradoxais, contraditórias ou improváveis que o texto apresentava.

Na primeira Modernidade surgiram sucessivamente a crítica textual, a crítica histórica e a crítica literária. Observe-se que o termo “crítica” não implica necessariamente uma atitude negativa, como muitas vezes a semântica popular o interpreta, mas significa a investigação científica, na medida do possível neutra e livre de preconceitos epistemológicos, ainda que provocada por interesses de ordem religiosa ou ideológica<sup>4</sup>.

A crítica textual revelou que o texto comumente usado, a Vulgata de S. Jerônimo, não era totalmente seguro. Os humanistas começaram a consultar os textos hebraicos nas sinagogas do mundo ocidental. Cristãos fugindo do Islã traziam consigo os textos gregos do reino de Bizâncio-Constantinopla, que tinha caído nas mãos dos muçulmanos. A recém-nascida arte da imprensa divulgou o Novo Testamento grego dos manuscritos bizantinos com o rótulo de “*textus receptus*”, o que, porém, no século XIX foi contradito com base em novas descobertas.

A crítica histórica mostrava que certos ditos e fatos encontrados no texto não correspondiam à realidade histórica ou contradiziam a nascente Ciência da Natureza, como no caso de Galileu. A crítica literária, enfim, questionava a autoria e a coerência dos textos: a autoria mosaica do Pentateuco, a integridade literária do Quarto Evangelho e outras questões desse gênero. A análise crítica de tipo histórico-literário não foi tão bem acolhida pelas igrejas da Reforma quanto a crítica textual! Muito menos, pela Igreja Católica.

De fato, o fervor da crítica histórico-literária nem sempre provinha de inocente e piedosa curiosidade. Visto que, na teologia tradicional (leia-se: católica), a Bíblia fornecia argumentos para a dogmática e a moral, a crítica histórico-literária permitia solapar algumas “verdades”, por exemplo,

---

<sup>4</sup> Os “interesses” levam o estudioso a determinados objetos e enfoques no estudo, mas a neutralidade epistemológica deve garantir a isenção metódica da racionalidade.

a virgindade perpétua de Maria, sua imaculada concepção e sua assunção ao céu, assuntos que até hoje provocam discussão entre católicos e reformados. Mas enquanto na Reforma a crítica muitas vezes evoluiu rumo a um fundamentalismo literalista, o Iluminismo a aplicava para mostrar o condicionamento histórico e o caráter humano daquilo que até então era considerado revelação divina.

A Igreja católica pôs-se em defesa. A encíclica *Providentissimus Deus*, de Leão XIII (1893), tem clara intenção apologética, mas ao mesmo tempo incentiva com bastante envergadura a pesquisa histórica e filológica, com o intuito de combater os adversários com suas próprias armas. Significativamente, sua promulgação se dá pouco depois da fundação da École Biblique em Jerusalém por M.-J. Lagrange (1890). Alguns anos mais tarde, porém, o movimento modernista provocará a reação bem mais negativa do papa Pio X, que pelo decreto *Lamentabili* (1909) tolherá a livre pesquisa a tal ponto que mesmo a École Biblique terá de suspender suas publicações.

Por ocasião do cinquentenário da *Providentissimus Deus*, em 1943, Pio XII, pela encíclica *Divino afflante Spiritu* (DA) voltou a incentivar um estudo bíblico mais desinibido. Por trás da encíclica estava a desigual figura do jesuíta Augustin Bea, então reitor do Pontifício Instituto Bíblico em Roma. Na introdução, a encíclica retoma o viés apologético de Leão XIII, mas, a seguir, recomenda o conhecimento das línguas originais, a crítica textual (sem tocar na “autenticidade eclesial” da Vulgata)<sup>5</sup>, a primazia do sentido literal e a prudência a respeito do sentido espiritual... Quanto à contemporaneidade, rechaça o conservadorismo dos que acham que não há mais nada a pesquisar e recomenda os métodos modernos, por exemplo, o estudo dos gêneros literários, para reconhecer plenamente a expressão humana da Palavra de Deus em sua condescendência (DA 599). Essa “liberação” da exegese crítica será fundamental para a *Dei Verbum* (DV) do CV II.

## 1.2 “Movimentos”

Entretanto, não devemos esquecer outros fatores que colaboraram para que a Bíblia fosse libertada do gesso. Havia os movimentos bíblico, litúrgico, patrístico e ecumênico, que, embora de índole restauradora, promoveram, com admirável dedicação e acribia, os estudos históricos.

Podemos caracterizar esses movimentos como “retrospectivos”: fortemente marcados pela perspectiva histórica, olhavam para trás, mas com a inten-

---

<sup>5</sup> Dizemos “autenticidade eclesial”, porque se trata do reconhecimento da Vulgata como texto bíblico “autenticado” para o uso teológico e pastoral na Igreja latina, o que não implica a perfeita fidelidade como tradução dos textos originais. Basta dizer que a Nova Vulgata, da qual voltaremos a falar, corrigiu a Vulgata não apenas em matéria de tradução, mas também adotou como base outros documentos do texto original, com notáveis diferenças.

ção de renovar a ciência teológica e a prática eclesial a partir das origens. Em busca do cristianismo original detectaram e puseram a descoberto o entulho que encobria a pureza fascinante dos primeiros séculos do cristianismo. Assim como a Reforma protestante alguns séculos antes, esses movimentos provocaram uma volta às origens para renovar a Igreja. Não é por acaso que no seio da assim chamada “nouvelle théologie” surgiu a coleção chamada *Sources Chrétiennes*.

Voltar às fontes era o grande apelo que ressoava nos anos imediatamente anteriores ao CV II. Um ato emblemático nesse sentido foi a restauração da Vigília Pascal por Pio XII em 1955. Naqueles anos, ser tradicional – sem ser conservador, mas antes, progressista – não era voltar ao Concílio de Trento ou à cristandade medieval, como fazem alguns movimentos hoje, mas à Igreja dos primórdios, testemunha insubstituível do Espírito. Quanto ao movimento bíblico, especificamente, apesar do aparente fechamento provocado pela crise do modernismo (PIO X, 1907), houve intensa atividade de ensino, investigação, tradução e publicação na área bíblica<sup>6</sup>.

Mas, além desses movimentos retrospectivos (de renovação pela volta às origens) havia também os movimentos prospectivos, que olhavam para frente, procurando uma abertura para os mundos que a cristandade estava vendo afastar-se de seu seio: o mundo dos intelectuais, dos artistas e dos jovens por um lado, e o dos operários e proletários por outro. Surgiram as diversas formas da Ação Católica – a missão dos leigos no mundo – e também a atenção, às vezes heroica, que era dedicada aos marginalizados, como, por exemplo, a atividade emblemática (e problemática) dos padres operários que “iam ao inferno” (CESBRON, 1952). Foi deste lado que veio o método Ver-Julgar-Agir da JOC de Joseph Cardijn, assumido depois pela Ação Católica “especializada” (JOC, ACO, JEC, JUC...). Este método influenciou a *Gaudium et Spes* e também o novo modo de ler a Bíblia no contexto da sociedade atual e na óptica dos oprimidos: o “julgar” à luz da Palavra de Deus.

E no meio de tudo isso não podemos negligenciar o movimento catequético ou bíblico-catequético. A partir de Pio X foi incentivada a busca de novas formas de catequese, nas quais a doutrina tradicional convivia com interessantes inovações pedagógicas<sup>7</sup>. Nas vésperas do CV II floresciam,

---

<sup>6</sup> Certamente sob o impulso da *Divino afflante Spiritu* de Pio XII (1943), a Primeira Semana Bíblica Nacional, destinada a especialistas em Ciências Bíblicas, realizada de 3-8 de fevereiro de 1947, no Mosteiro de São Bento, em São Paulo, decidiu a) a instituição do Domingo da Bíblia; b) incentivar a publicação da literatura bíblica nacional; c) fundar a Liga de Estudos Bíblicos – LEB; d) a produção de uma tradução literal da Bíblia para a língua portuguesa (cf. TERRA, João Evangelista. Tradução da Bíblia para língua portuguesa. <http://formacao.cancaonova.com/diversos/traducao-da-biblia-para-lingua-portuguesa/>. Acesso 01/08/2015).

<sup>7</sup> Não se esqueça que o mesmo papa do decreto *Lamentabili* foi também aquele que promoveu a catequese infantil, a comunhão eucarística a partir de 6 ou 7 anos etc.

em diversas regiões, institutos de catequética que prepararam a atmosfera do Concílio<sup>8</sup>.

Se esses movimentos atuavam a partir da cristandade ocidental e de suas extensões (pós-) coloniais, o esforço missionário *ad extra*, nesse mesmo período, trouxe para dentro da Igreja o conhecimento de outras culturas, outrora consideradas inutilizáveis para a fé, mas agora valorizadas como húmus para igrejas novas, chamadas a encarnar o evangelho de modo original e, quiçá, mais autêntico do que a desgastada cristandade europeia<sup>9</sup>.

Nesse contexto ganhou atenção especial a situação da América Latina. Aos olhares europeus, muitas vezes, parecia haverá um cristianismo ao mesmo tempo medieval<sup>10</sup> e sincrético, necessitado de romanização, o que na realidade significava tridentinização. Poucos anos antes do CV II ressoou o apelo de Pio XII para reforçar o clero e a vida católica nas igrejas locais do assim chamado Terceiro Mundo; a encíclica *Fidei Donum* (1957) deu origem aos colégios para a América Latina em Verona, Madrid e Lovaina. Mas o que aconteceu não foi necessariamente uma romanização. Os novos missionários ficaram contagiados pelo que aí estava acontecendo nas vésperas do CV II, por exemplo, a atuação do “segundo Hélder Câmara” no Recife ou de D. Leônidas Proaño em Riobamba (Equador). Aproveitando sua boa formação humanística e teológica<sup>11</sup>, esses cooperadores ajudaram a divulgar a liturgia participativa e a leitura da Bíblia com o povo, no quadro da conscientização popular e das nascentes comunidades de base<sup>12</sup>.

## 2 Durante

O CV II agiu como catalisador de forças que já estavam atuando debaixo da superfície da Igreja “tradicional”. A mudança do lugar da Bíblia na Igreja e da sua leitura será confirmada pelo Concílio de diversas maneiras.

---

<sup>8</sup> Por exemplo, o Instituto Lumen Vitae, fundado em 1935 em Bruxelas. No Brasil foi marcante o Instituto Pio XI em São Paulo (a partir de 1936), onde nasceu a Liga de Estudos Bíblicos (1947) e, depois do Concílio (1977), a Revista de Catequese.

<sup>9</sup> Por exemplo: TEMPELS, Placide. *La philosophie bantoue*, 1945.

<sup>10</sup> Mesmo o “barroco” latino-americano, apesar de suas formas artísticas, é, quanto a seu espírito, mais medieval que moderno.

<sup>11</sup> Por exemplo, José Comblin, que da Bélgica chegou ao Brasil em 1958, iniciando sua atividade como professor no seminário diocesano e na Universidade Católica de Campinas. Além disso, foi convidado para ser assistente diocesano da JOC – Juventude Operária Católica.

<sup>12</sup> Embora seu crescimento se tenha dado depois do Concílio, as CEBs já existiam no início dos anos 1960, como resultado da experiência de catequese popular em Barra do Pirai (1956) ou do Movimento da Diocese de Natal, ou ainda do Movimento de Educação de Base.

## 2.1 Bíblia e Liturgia

O primeiro texto promulgado pelo CV II, *Sacrosanctum Concilium* (SC), sobre a liturgia, dá um lugar de honra à Bíblia. A renovação litúrgica deverá insistir na primazia da *escuta* da Palavra, lembrando o lema “ouvintes da Palavra”<sup>13</sup>. O texto fala em “preparar mais ricamente a Mesa da Palavra” (SC 51), o que se realizará na reforma litúrgica pós-conciliar. Esta multiplicará por quatro o número de perícopes bíblicas lidas na liturgia dominical e provocará, nos fiéis em geral, um conhecimento maior do Novo e do Antigo Testamento<sup>14</sup>. Importante também é que os ouvintes da palavra doravante conhecerão o ministério de Jesus segundo sua apresentação nos diversos evangelhos proclamados em *lectio continua*, cada qual em sua própria sequência, durante a liturgia dominical. Jesus lhes advém não apenas como portador de algumas doutrinas celestes atomizadas, mas como profeta percorrendo o caminho de sua práxis, descrita em cada evangelho com acentos próprios. Assim, desfaz-se o quase monopólio do Evangelho segundo Mateus (cf. SEGUNDO, 1994) e apresenta-se aos fiéis a “grande descoberta bíblica do século XX”, que foi o evangelho segundo Marcos!<sup>15</sup> As consequências disso, sobretudo graças à prática de grupos litúrgico-bíblicos, serão profundas.

## 2.2 Imagens em vez de argumentos

A segunda Constituição promulgada foi a *Lumen Gentium*, fruto da reflexão do CV II sobre a Igreja. Nela, o uso da Bíblia se afasta da teologia tradicional, que costuma demonstrar suas teses a partir dos *loci theologici* como sejam a razão, a Bíblia (*dicta probantia*), a Tradição, o Magistério, o Direito Eclesiástico, a História e o *sensus fidelium*. A *Lumen Gentium*, em vez de alistar *dicta probantia*, inicia com um elenco de imagens bíblicas

---

<sup>13</sup> Pensamos em Romano Guardini (*Der Geist der Liturgie*. Freiburg: Herder, 1918; port. *O espírito da liturgia*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1942), Odo Casel (*Das christliche Kultmysterium*. Regensburg: Pustet, 1932; port. *O misterio do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2009), Josef Andreas Jungmann (*Missarum Sollemnia*. Wien: Herder, 1948; *Liturgische Erneuerung: Rückblick und Ausblick*. Kevelaer: Butzon und Bercker, 1962); *Der Gottesdienst der Kirche: auf dem Hintergrund seiner Geschichtskurzerläutert*. Innsbruck: Tyrolia, 1957), Aimé-Georges Martimort (*L'Église en prière: introduction à la Liturgie*. 3. ed. Paris: Desclée & Cie, 1965), e.o. – No nível da teologia fundamental, Karl Rahner (*Hörerdes Wortes*. Freiburg, Herder, 1941; esp. *Oyente de la palabra: fundamentos para una filosofía de la religión*. Barcelona: Herder, 2009).

<sup>14</sup> Em vez de 52 vezes duas leituras (= 104) teremos 3 x 52 vezes (anos A, B, C) três leituras dominicais (= 468). Totalmente nova é a utilização do Antigo Testamento nas leituras dominicais. Na liturgia pré-conciliar, a primeira leitura dominical era tomada das Cartas do Novo Testamento (por isso chamava-se *Epistula*, embora em algumas férias pudesse ocorrer um texto dos livros sapienciais).

<sup>15</sup> Contribuíram muito para isso William Wrede (*Das Messias geheimnis in den Evangelien*, Göttingen, 1901) e Karl-Ludwig Schmidt (*Der Rahmen der Geschichte Jesu: literarkritische Untersuchungen zur ältesten Jesusüberlieferung*. Berlin: Trowitzsch, 1919). Cf. MINETTE DE TILLESSE, Gaëtan. *Le secret messianique dans l'évangile de Marc*. Paris: Cerf, 1968.

da Igreja, principalmente as do Povo de Deus e do Corpo de Cristo, que nos fazem ver a Igreja, não mais a partir da hierarquia, mas a partir da comunidade dos fiéis.

Neste modo de falar, a Bíblia não é um arsenal de argumentos, mas um manancial que alimenta o espírito, um horizonte que determina a óptica e uma voz que garante a “escuta da Palavra”, ponto de partida de todo o teologizar cristão. Este modo de falar ajuda a criar um “clima bíblico” na Igreja, que assim toma consciência de sua continuidade com o povo bíblico. Essa “ambientação bíblica” terá suas consequências no modo de ver a relação com o povo judeu e sua tradição religiosa, como aparecerá no decreto *Nostra aetate*.

### 2.3 Bíblia e vida: o “Esquema 13” e os “sinais do tempo”

O reencontro do povo eclesial com a Bíblia recebe uma dimensão nova – decisiva para um novo modo de teologizar – na articulação entre a Bíblia e a vida praticada no “Esquema 13”, que, depois de árdua discussão, no fim do Concílio se tornará a Constituição pastoral *Gaudium et Spes* (GS).

Neste documento, a Bíblia não ilumina apenas a doutrina e a espiritualidade individual, mas também o olhar sobre a sociedade que lhe sugere os temas a serem iluminados. Pratica-se uma leitura que correlaciona Bíblia e sociedade, Bíblia e vida, e esta maneira se tornará a leitura bíblica preferencial nas comunidades de base do Terceiro Mundo e em muitos outros ambientes.

Deste modo, a Bíblia foi restituída ao povo de Deus como memória sua e sonho seu. A casa da Bíblia tornou-se novamente a casa do povo de Deus, como descreve Carlos Mesters na parábola introdutória de seu livro *Por trás das palavras* (cf. MESTERS, 1974). O povo de Deus aprendeu a reconhecer sua própria vida naquilo que “os nossos pais contaram” (Sl44,2; 78,3).

Contudo, não devemos esquecer que essa leitura em correlação com a vida não iluminou apenas o olhar sobre a realidade política e social. Em outros ambientes foram desenvolvidas outras “leituras” correlacionais ou contextuais, como são às vezes chamadas<sup>16</sup>. Além disso, o nascente carismatismo católico usará à sua maneira o “acesso livre” à Bíblia<sup>17</sup>.

<sup>16</sup> Por exemplo, a leitura “libertadora”, a leitura feminista, a leitura psicoterapêutica etc.

<sup>17</sup> É difícil descrever a leitura bíblica no carismatismo católico. Muitas vezes prevalece uma leitura intuitiva, associando direta e espontaneamente o texto bíblico, às vezes encontrado a esmo, com os sentimentos pessoais. Daí certa tendência individualista. Esse espontaneísmo e também certos preconceitos ideológicos se opõem ao estudo à luz da realidade política e social, como acontece nas comunidades de base. Entretanto, muitos integrantes do ambiente carismático se dedicam intensamente a um estudo mais informativo ou até erudito da Bíblia. Por outro lado, o espontaneísmo e o fideísmo podem favorecer a recusa da hermenêutica consciente dos textos, o que resulta em fundamentalismo.



## 2.4 O lugar da exegese bíblica no ensino da Teologia

*Optatam totius* (OT), o decreto sobre a formação sacerdotal promulgado no fim do Concílio, declara, remetendo à *Providentissimus Deus* de Leão XIII, que “o estudo da Sagrada Escritura deve ser como que a alma de toda a teologia” (OT 16)<sup>18</sup>. A expressão é retomada em *Dei Verbum* 24. A expressão metafórica “alma” evoca a respiração e o princípio vital<sup>19</sup>; podemos interpretar que *a Bíblia deve ser a respiração vital da teologia*. Isso é diferente da abordagem da Bíblia em função da teologia dogmática, moral ou jurídico-pastoral. Parece que o Vaticano II entendeu a expressão neste sentido: uma teologia que inale e respire o ar da Bíblia, não por um estudo meramente histórico, mas fazendo da Bíblia o seu mundo referencial. Afinal, a Bíblia, documento das origens da fé cristã alimentada pelas Escrituras de Israel, é o testemunho do evento Jesus Cristo, bem como da fé que ele suscitou e que a Igreja se propõe a transmitir. Neste sentido, a *Optatam totius* sublinha que, além do estudo científico, a meditação diária dos Livros Sagrados deve fazer parte da formação teológica do presbítero.

## 2.5 A *Dei Verbum*

Deixamos a *Dei Verbum* (DV) até o fim desta evocação do CV II, porque, apesar de seu tema ter sido o primeiro a ser encaminhado, foi praticamente o último a ser arrematado, juntamente com a *Gaudium et Spes* (GS). Por isso mesmo, este documento é importante para percebermos as mudanças que aconteceram durante os três anos de trabalho do Concílio.

A constituição *Dei Verbum* começa com o tema da escuta da Palavra: “*Dei verbum religiose audiens*”<sup>20</sup>. Passa, então, logo para o tema do anúncio: “*ut salutis pro eorum mundis universis audiendocredat, credendospereat, sperandoamet*” – segundo as palavras de Agostinho.

A *Dei Verbum* não trata só da Bíblia. É um tratado *de Revelatione*, retomando, inclusive, o pensamento do Vaticano II (cf. KONINGS, 2015). Mas a *Dei Verbum* aplica uma correção ao pensamento anterior. Quando fala da Bíblia, supera a dicotomia das duas fontes segundo a teologia pós-tridentina, a Escritura e a Tradição. Fala do único manancial (*scaturigo*) divino de que ambas provêm<sup>21</sup>. Na realidade, *a Bíblia faz parte da Tradição*,

<sup>18</sup> A referência à *Providentissimus Deus*, na nota 33 de *Optatam totius*, não é literal.

<sup>19</sup> Misturam-se as semânticas hebraica (o hebraico *néfesh* significando garganta, fôlego) e grega *psykhé* (as forças psíquicas). – Para uma visão geral do tema, cf. GONZAGA, Waldecir. A Sagrada Escritura, a alma da Teologia. In: FERNANDES, Leonardo Agostini et alii. *Exegese, Teologia e Pastoral: relações, tensões e desafios*. Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 201-236.

<sup>20</sup> Percebe-se a influência do “ouvinte da Palavra” de K. Rahner, cf. supra, nota 15.

<sup>21</sup> A DV 9 evita o termo “fonte”, embora algumas traduções oficiais não pareçam ter notado esse pormenor...

da qual é a referência escrita; e por isso mesmo torna-se pedra de toque para a própria Tradição viva, enquanto o Magistério cuida da interpretação autêntica, isto é, eclesialmente garantida (DV 9-10)<sup>22</sup>. Falando da interpretação da Bíblia, a *Dei Verbum* retoma muita coisa da *Divino afflante Spiritu* de Pio XII, principalmente quanto à interpretação no espírito em que o texto foi escrito (DV 12). Retoma também a abertura a respeito dos gêneros literários, interpretando, em analogia com a encarnação de Cristo, a “condescendência” de Deus como imersão na limitação da linguagem humana (DV 13) (cf. KONINGS, 2010).

Para nosso tema importa de modo especial o cap. 6 (DV 21-25), que fala do lugar da Escritura na vida da Igreja. Toda a pregação deve ser alimentada pela Escritura, e para isso incentiva-se a produção de traduções adequadas e o empenho dos docentes. A Bíblia deve ser como a alma da teologia (DV 24) e deve ser lida e/ou ouvida por todos, tanto clérigos como leigos, “porquanto ignorar a Escritura é ignorar Cristo”, segundo a palavra de S. Jerônimo (DV 25)<sup>23</sup>.

## 2.6 O novo olhar

Como mencionamos inicialmente, logo depois do Concílio, o dominicano holandês Lucas Grollenberg publicou seu livro intitulado “Uma nova visão do livro antigo”, e ao mesmo tempo foi publicado o “Catecismo holandês”<sup>24</sup>. Assim foram disponibilizadas para o cristão de cultura média as aquisições da exegese crítica e da hermenêutica bíblica da primeira metade do século XX. São indícios de como, não só na Holanda, mas em todo o mundo norte-atlântico, surgiu uma onda de divulgação da exegese crítica e da hermenêutica bíblica em correlação com a cultura vigente, secularizante.

No hemisfério sul, a nova visão do livro antigo se fixou em outra potencialidade hermenêutica: de volta do Concílio, os bispos do Nordeste brasileiro e logo depois os bispos latino-americanos reunidos em Medellín, em 1968, voltaram seu olhar para o Deus que ouve o grito de seu povo e desce... (Ex 3,7-8). Nasceu a leitura libertadora da Bíblia, que olhava sobretudo para os estudos exegético-bíblicos de tipo histórico-sociológico-cultural, que permitiam entender melhor a realidade subjacente ao texto bíblico, tantas vezes esfumada por interpretações espiritualizantes ou dogmatizantes.

Enquanto na Europa o novo olhar era antes desmitologizador (“Não é bem isso que está na Bíblia”), os latino-americanos e outros cristãos do Tercei-

---

<sup>22</sup> Matizando o dito de Lutero, de que a Bíblia é *norma normans non normata*, podemos dizer que ela é *normata* pela Tradição fundante – a tradição do Evangelho de Jesus Cristo que assume o Antigo Testamento –, mas se torna *normans* (“pedra de toque”) para a Tradição continuada.

<sup>23</sup> Cf. JERÔNIMO. *Comentário sobre Isaías*, Prologo (Patrologia Latina 24,17).

<sup>24</sup> Cf. supra, nota 1.

ro Mundo diziam: “Olha que o nosso sofrimento e libertação já estavam descritos na Bíblia”. Deste olhar nasceu a “hermenêutica libertadora”<sup>25</sup>, da qual tornaremos a falar.

### 3 Depois

Restabelecido o contato entre o povo eclesial e sua memória fundante, consignada literariamente na Bíblia e viva na Tradição, o afazer teológico e a pastoral se veem profundamente afetados. Redescobre-se o caráter comunitário, narrativo e hermenêutico da teologia, bem como a interação dialética de doutrina e práxis. Talvez se possa dizer que o espírito hermenêutico que reina na exegese pós-conciliar se espalhou sobre o conjunto da Teologia: o que se faz com a Bíblia deve se fazer também com a doutrina inteira<sup>26</sup>.

Emblemática é a redescoberta do Deus bíblico não tanto como “aquele que é” (*hoôn* segundo da tradução da LXX), mas como “aquele que está aí e age”, como hoje se interpreta a autodesignação de Deus em Ex 3,14: *ehyeh asher ehyeh*. Em vez de cristalizar a revelação em conceitos, para, a partir destes, ensinar a doutrina e a moral, procura-se ler e interpretar a “narrativa do Deus que age” (leia: que liberta) para espelhar nisso o nosso próprio agir.

A catequese não pode mais se limitar a ensinar um resumo da Suma Teológica, por mais admirável que esta seja. A catequese deverá ser, antes de tudo, a escuta da narrativa bíblica como fonte de inspiração e espelho da vida cristã.

Isso torna mais consciente o caráter hermenêutico de todo o afazer teológico, como contínua releitura e reinterpretação da narrativa da automanifestação de Deus, cuja referência definitiva – na leitura cristã – se encontra em Jesus de Nazaré.

A *Wirkungsgeschichte* ou história dos efeitos não é meramente uma crônica dos fatos que se sucederam ao evento realizado, mas a leitura do desdobramento de seu potencial de sentido em interação dialética com a corrente evolutiva da práxis. Esse desdobramento não foi retilíneo. Depois de um primeiro momento, que pôs à luz os elementos de renovação – preparados, como vimos, pela história anterior – veio um segundo momento, uma

---

<sup>25</sup> O termo remete às obras emblemáticas de CROATTO, Severino José. *Liberación y libertad: pautas hermenéuticas*. Buenos Aires: Mundo Nuevo, 1973; \_\_\_\_\_. *Êxodo: uma hermenêutica da liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1981.

<sup>26</sup> O que já foi anunciado pela reabilitação de alguns teólogos marcantes, como René Draquet (evolução do dogma), Henri de Lubac (continuidade de natureza e graça), Teilhard de Chardin (cristologia cósmica), e.o.

busca de consolidação das coisas antigas e, mesmo, de defesa contra os perigos da inovação.

Quanto ao efeito inovador do acento bíblico no período pós-VC II, os momentos mais notáveis foram: a instauração da liturgia renovada; a nova tradução oficial da Bíblia, a Nova Vulgata; a publicação do documento da Pontifícia Comissão Bíblica sobre *A Interpretação da Bíblia na Igreja*; a *Assembleia pós-sinodal sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja*, que deu origem à exortação apostólica *Verbum Domini (VDom)* de Bento XVI; a divulgação do estudo e da leitura da Bíblia tanto no nível popular como no acadêmico.

1) A liturgia renovada obrigou, de fato, o mundo dos exegetas a um imenso trabalho de explicação dos quadruplicados trechos bíblicos<sup>27</sup> levados, de domingo em domingo, durante três anos, ao ouvido dos fiéis. Tornou-se necessário, por exemplo, explicar na homilia do “domingo do Bom Pastor” que este não é apenas o Pastor (ano B), mas também a Porta (ano A) e aquele que diz “O Pai e eu somos um” (Jo 10,30- Ano C). A contínua presença do Antigo Testamento na liturgia dominical ajudou o povo a perceber o enraizamento histórico de sua fé cristã e do próprio Jesus. E assim, também, a historicidade de sua própria práxis cristã.

2) A publicação da nova tradução católica oficial, em latim, a Nova Vulgata, se inscreve na renovação da vida eclesial depois do Concílio. Convinha, de fato, que a nova ordem litúrgica, que tanto ressaltava a importância das leituras bíblicas, dispusesse de uma tradução melhor que a Vulgata, cujas imperfeições eram desde muito conhecidas. A tarefa não foi fácil, pois a tradição litúrgica e toda a tradição teológica e espiritual costumam citar centenas de textos segundo a antiga Vulgata. Ao comparar a Vulgata sixto-clementina, surgida do Concílio de Trento, com a nova Vulgata, percebem-se alterações corajosas<sup>28</sup>. Assim, a Nova Vulgata incentiva a liberdade exegetica, reconhecendo implicitamente a impossibilidade de estabelecer um “texto original” da Bíblia como tal<sup>29</sup>. O que tem suas consequências para as tentativas de leitura fundamentalista.

3) Quanto ao documento da Pontifícia Comissão Bíblica sobre *A Interpretação da Bíblia na Igreja* (1993), saúda-se o pleno reconhecimento dos métodos críticos modernos (cf. FITZMYER, 2011), bem como das diversas “leituras” ou “abordagens” pelas quais a Bíblia é posta em diálogo hermenêutico com as perspectivas da humanidade hoje. Só é rejeitada explicitamente a

<sup>27</sup> Cf. supra, nota 18.

<sup>28</sup> Por exemplo: 1Cor 13,3 “et si tradidero corpus meum ut ardeam” agora soa “et si tradidero corpus meum, ut glorier”, de acordo com os melhores manuscritos gregos.

<sup>29</sup> Quanto às formas textuais “originais”, leiam-se os *Praenotanda* da NOVA Vulgata Bibliorumsacrarum Editio. Vaticano: Vaticana, 1979.

abordagem fundamentalista, porque ela recusa a hermenêutica (o que não deixa de ser uma hermenêutica também).

Este documento, que se situa na linha da *Divino afflante Spiritu* e da *Dei Verbum*, representa um desafio para a teologia fundamental, pela necessidade de determinar agora o valor de expressões anteriores do Magistério a respeito da verdade histórica do livro do Gênesis, da autoria mosaica do Pentateuco etc.<sup>30</sup>. Não sem razão, o mais recente documento da Comissão, publicado em 2014, trata da inspiração e verdade da Sagrada Escritura<sup>31</sup>.

4) Na XII Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, em 2008, acolhida pelo papa Bento XVI na *Verbum Domini* (*VDom*), pôde-se constatar a continuidade com a *Dei Verbum* e com o documento da Pontifícia Comissão Bíblica, embora o Papa tenha introduzido com certa insistência advertências contra uma leitura meramente histórica, arqueológica da Bíblia, que pode afastá-la da vida dos fiéis. Resta ver como se dá, quais são as circunstâncias concretas dessa vida dos fiéis. A *Verbum Domini* assume generosamente o aporte dos bispos que insistem na realidade dos pobres como óptica para essa leitura da Bíblia em correlação com a vida: os pobres são agentes da evangelização (*VDom* 107).

5) O efeito do Concílio se faz sentir nos numerosos grupos de estudo bíblico, tanto em nível acadêmico como em nível popular, o número de publicações, a busca de estudo bíblico nas universidades etc. Se, antes do Concílio, no âmbito católico ao menos, o estudioso da Bíblia era considerado um “caso à parte”, hoje a área bíblica talvez seja a mais procurada nos estudos de Pós-Graduação em Teologia.

6) A confluência da renovação litúrgico-bíblica marcada pelo acento comunitário, do método histórico-crítico, da atenção ao contexto sócio-histórico e da hermenêutica libertadora fez surgir um método latino-americano de leitura e estudo bíblicos. Unida na solidariedade da vida e reunida por Cristo e seu Espírito em torno da mesa da Palavra e da mesa do Pão, a comunidade, à luz das Escrituras, especialmente do Evangelho, toma consciência de sua situação e responsabilidade e assume o compromisso do Reino de Deus anunciado e inaugurado por Jesus.

---

<sup>30</sup> Cf. PONTIFICAL BIBLICAL COMMISSION. *Documents issued by the Commission*, [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/pcb\\_doc\\_index.htm](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_doc_index.htm). Acesso em 28/08/2105.

<sup>31</sup> PONTIFICIA COMMISSIONE BIBLICA. *Inspirazione e verità della Sacra Scrittura: La parola che viene da Dio e parla di Dio per salvare il mondo*. Vaticano: Vaticana, 2014. (port.: PONTIFICIA COMISSÃO BIBLICA. *Inspiração e verdade da Sagrada Escritura: A palavra que vem de Deus e fala de Deus para a salvação do mundo*. São Paulo: Paulinas, 2015). O Prefácio aponta para a dificuldade que causam aos fiéis os contrastes entre o que se lê nos relatos bíblicos e os resultados das ciências naturais e históricas, que parecem contradizer as afirmações bíblicas e pôr em dúvida sua verdade. E isso atinge também a inspiração bíblica: se o que é comunicado na Bíblia não é verdadeiro, como pode ter Deus por autor?

## 4 Balanço e tarefa

Citemos alguns ganhos para a leitura da Bíblia e a Teologia Bíblica que o balanço do Concílio parece apresentar:

1) A liberdade exegetica. A porta entreaberta por Pio XII na *Divino afflante Spiritu* foi escancarada pela *Dei Verbum* e pelo documento da Pontifícia Comissão Bíblica de 1994. A *Verbum Domini* de Bento XVI confirmou plenamente essa orientação.

2) A leitura bíblica tornou-se mais hermenêutica, não tanto argumentativa. Por leitura argumentativa entendemos o uso da Bíblia para encontrar argumentos (*dicta probantia*) a favor de determinadas teses teológicas. Isso não é necessariamente errado, mas não faz jus ao “ouvir a Palavra”, atitude que deixa primeiro a Bíblia falar por si mesma, enquanto memória daquilo que Deus fez com seu povo e com a humanidade.

3) A “escuta” da Bíblia sempre existiu na Igreja, mas era considerada espiritualidade, eventualmente meditação litúrgica, algo para poucos. A ampliação da proclamação bíblico-litúrgica reforçou muito a “espiritualidade da escuta bíblica” como espiritualidade de todos, e o CV II (retomando pensamentos antigos) vê isso como sendo a “alma da Teologia” e essencial para a Teologia como tal.

4) A “escuta da Palavra” na Bíblia está em correlação dialética com a “escuta do mundo”. Pode-se perguntar se isso provocou ou, pelo menos, reforçou a leitura da Bíblia como espelho da vida no contexto atual. Depende de como se faz a relação. Se apenas se parte dos problemas e conflitos atuais para buscar “textos interessantes”, textos bíblicos que mostrem alguma analogia com nossa realidade, corre-se o risco de cair no tradicional método dos *dicta probantia*. Mas se a Bíblia nos sensibiliza e leva a descobrir, a partir dela, problemas fundamentais da atualidade, p.ex. a escravidão do povo, então este método de correlação, com sua dialética de alteridade e analogia, é um verdadeiro e legítimo “ouvir a Palavra” e “guardá-la” numa nova interpretação “práxica”.

Aqui vale observar que um documento conciliar que não cita muitas vezes expressamente a Bíblia, a *Gaudium et Spes*, foi determinante para o novo modo de ler a Bíblia. O cristão se vê convidado a uma “dupla obediência”. A “obediência” à Palavra não se pode basear somente no estudo da letra, mas deve escutar “o Espírito no mundo” (RAHNER, 1957). Neste sentido é com razão que a *Verbum Domini* insiste que “a palavra de Deus é maior que Bíblia” (*VDom* 7).

O sentido da Bíblia é, portanto, não um sentido congelado na letra, mas um espírito dinâmico, que só se revela para quem escuta também o mundo, o qual é o destinatário que – de acordo com as recentes teorias literário-linguísticas – dá um sentido vivido ao texto.

5) Continua a “leitura da Bíblia com o povo”, embora precisando de nova compreensão e animação<sup>32</sup>. De fato, muitas coisas mudaram neste meio século que nos separa do CV II. Aos poucos diminuem os fiéis praticantes tradicionais<sup>33</sup>, apesar das tentativas neoconservadoras. A juventude pode interessar-se por eventos, mas uma prática religiosa sustentada pelo ritmo sociocultural, como em tempos de cristandade, não funciona mais. As vocações para a vida religiosa e sacerdotal diminuem. A população se concentra sempre mais nas cidades, o que exige que se repense as CEBs, que floresceram sobretudo no ambiente rural. Como criar nestas circunstâncias um “povo de Deus” que se encontre em torno da Palavra? Além disso, as formas de “animação católica” que mais atingem o grande público, o estilo carismático divulgado em diversas redes de televisão, bem como o material veiculado na internet, têm uma marca mais individual, mesmo nos encontros maciços em torno de personagens carismáticos. Não criam comunidades compromissadas com uma ação transformadora que atinja as próprias estruturas da injustiça que escraviza nossa sociedade. Mas a Palavra está aí, à espera. Ela não está longe de nós (Dt 30,14).

\*

Uma consideração final: nem o encolhimento numérico dos católicos no Primeiro Mundo, a partir dos anos 80, nem a crise da autorreferência eclesiocêntrica conseguiram anular a abertura provocada pelo CV II. Essas crises podem até ser considerados como provações benfazejas, semelhantes à prova do ouro no crisol, para revelar o que é verdadeiramente resistente e duradouro no “novo olhar sobre o livro antigo”<sup>34</sup>.

## Referências

CASEL, Odo. *Das christliche Kultmysterium*. Regensburg: Pustet, 1932; port. *O misterio do culto no cristianismo*. Sao Paulo: Loyola, 2009.

CESBRON, Gilbert. *Les saints vont en enfer*. Paris: Laffont, 1952.

CROATTO, Severino José. *Liberación y libertad: pautas hermenéuticas*. Buenos Aires: Mundo Nuevo, 1973;

\_\_\_\_\_. *Exodo: uma hermenêutica da liberdade*. São Paulo: Paulinas, 1981.

*De Nieuwe Katechismus: geloofsverkundiging voor volwassenen*, Roermond-Maaseik, 1966; port. *O novo catecismo: a fé para adultos*. São Paulo: Herder, 1969.

<sup>32</sup> Cf. supra, nota 4.

<sup>33</sup> Na Europa isso é muito mais visível, mas seria imprudente ver nisso um fenômeno do Primeiro Mundo... Leiam-se os resultados do IBGE 2010 (cf. KONINGS, Johan; DE MORI, Geraldo. A evolução da Igreja Católica no Brasil à luz de pesquisas recentes. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* (Impresso), v. 10, p. 1214-1229, 2012).

<sup>34</sup> Cf. supra, nota 1.

FITZMYER, Joseph A. *A interpretação da Escritura: em defesa do método histórico-crítico*. São Paulo: Loyola, 2011.

GONZAGA, Waldecir. A Sagrada Escritura, a alma da Teologia. In: FERNANDES, Leonardo Agostini et alii. *Exegese, Teologia e Pastoral: relações, tensões e desafios*. Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 201-236.

GROLLENBERG, Luc. H. *Nieuwe kijk op het oude boek*. Amsterdam; Elsevier, 1968; port.: A nova imagem da Bíblia: ensaio sobre exegese moderna. São Paulo: Herder, 1970.

GUARDINI, Romano. *Der Geist der Liturgie*. Freiburg: Herder, 1918; port. *O espírito da liturgia*. Rio de Janeiro: Lumen Christi, 1942,

JUNGMANN, Josef Andreas. *Missarum Sollemnia*. Wien: Herder, 1948.

\_\_\_\_\_. *Der Gottesdienst der Kirche: auf dem Hintergrund seiner Geschichte kurz erläutert*. Innsbruck: Tyrolia, 1957).

\_\_\_\_\_. *Liturgische Erneuerung: Rückblick und Ausblick*. Kevelaer: Butzon und Bercker, 1962)

KONINGS, J. *A Palavra se fez livro*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. Deus. In: PASSOS, J. D; LOPES SANCHEZ, W. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2015.

\_\_\_\_\_. A leitura bíblica com o povo — ano 2012. In: NODARI, Paulo César (Org.). *Viver, amar, servir: homenagem ... João Panazoloe ... Gema Panazollo*. Caxias do Sul: EDUCS, 2012, v. 1, p. 145-154.

KONINGS, Johan; DE MORI, Geraldo. A evolução da Igreja Católica no Brasil à luz de pesquisas recentes. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* (Impresso), v. 10, p. 1214-1229, 2012.

MARTIMORT, Aimé-Georges. *L'Église en prière: introduction à la Liturgie*. 3. ed. Paris: Desclée & Cie, 1965.

MESTERS, Carlos. *Por trás das palavras: um estudo sobre a porta de entrada no mundo da Bíblia*. Petrópolis: Vozes, 1974.

MINETTE DE TILLESSE, Gaëtan. *Le secret messianique dans l'évangile de Marc*. Paris: Cerf, 1968.

NOVA Vulgata Bibliorum Sacrarum Editio. Vaticano: Vaticana, 1979.

PIO X, Papa. Decreto *Lamentabili sane exitu*, 3 de julho de 1907.

PIO XII, Papa. Encíclica *Divino afflante Spiritu*, 1943.

PONTIFICAL BIBLICAL COMMISSION. *Documents issued by the Commission*, [http://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cfaith/pcb\\_doc\\_index.htm](http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/pcb_doc_index.htm). Acesso em 28/08/2105.

PONTIFICIA COMMISSIONE BIBLICA. *Inspirazione e verità della Sacra Scrittura: La parola che viene da Dio e parla di Dio per salvare il mondo*. Vaticano: Vaticana, 2014; port.: PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Inspiração e verdade da Sagrada Escritura: A palavra que vem de Deus e fala de Deus para a salvação do mundo*. São Paulo: Paulinas, 2015.



RAHNER, Karl. *Hörer des Wortes*. Freiburg, Herder, 1941; esp. *Oyente de la palabra: fundamentos para una filosofía de la religión*. Barcelona: Herder, 2009.

\_\_\_\_\_. *Geist in Welt: zur Metaphysik der endlichen Erkenntnis bei Thomas von Aquin*. 2. ed. München: Kösel, 1957.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus: la historia de un viviente*. Madrid: Cristiandad, 1981;

\_\_\_\_\_. *Cristo y los cristianos: gracia y liberación*. Madrid: Cristiandad, 1982.

SCHMIDT, Karl-Ludwig. *Der Rahmen der Geschichte Jesu: literarkritische Untersuchungen zur ältesten Jesusüberlieferung*. Berlin: Trowitzsch, 1919.

SEGUNDO, Juan Luis. *El caso Mateo: los comienzos de una ética judeo-cristiana*. Santander: Sal terrae, 1994; port. *O caso Mateus: os primórdios de uma ética judaico-cristã*. São Paulo: Paulinas, 1997.

TEMPELS, Placide. *La philosophie bantoue*, 1945.

TERRA, João Evangelista. *Tradução da Bíblia para língua portuguesa*. <http://formacao.cancaonova.com/diversos/traducao-da-biblia-para-lingua-portuguesa/>. Acesso 01/08/2015.

WREDE, William. *Das Messiasgeheimnis in den Evangelien*, Göttingen, 1901.

(Os textos do Concílio Vaticano II e dos documentos pontifícios são tomados da edição eletrônica do Vaticano em tradução própria do autor.)

**Johan Konings**, belga, Doutor em Teologia pela Katholieke Universiteit Leuven, lecionou Exegese Bíblica em Porto Alegre (PUCRS) e no Rio de Janeiro (PUCRJ), tornando-se, desde 1986, professor de Novo Testamento na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE) em Belo Horizonte-MG. Organizou a Tradução Ecumênica da Bíblia (1994), a Tradução da Bíblia da CNBB (2001) e a tradução do Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral (Denzinger-Hünemann) (2ª ed. 2013). Participou como perito na XII Assembléia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos em Roma (2008). Principais publicações: *Liturgia dominical: mistério de Cristo e formação dos fiéis, anos A-B-C*. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2009. *Ser cristão: fé e prática*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2011. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2005. *A Palavra se fez livro*. São Paulo: Loyola, 4. ed. 2010. *A Bíblia, sua origem e sua leitura: introdução ao estudo da Bíblia*. 8ª ed. atualizada. Petrópolis: Vozes, 2014.

**Endereço:** Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127 - Planalto  
CEP 31720-300 Belo Horizonte – MG  
Tel.: +55 (31) 3115-7018.